



Dossiê Psicanálise em tempos difíceis: a clínica como objeto de resistência ao sofrimento e à dor

Prefácio de Sigmund Freud (1919) à obra *O ritual: estudos psicanalíticos*, de Theodor Reik

Sigmund Freud's preface (1919) to *The Ritual: Psychoanalytic Studies*, by Theodor Reik

 Luciana Ribeiro Marques

 Sonia Alberti

 Priscila Mählmann Muniz Dantas

Resumo: Apresenta-se, a seguir, a primeira tradução para a língua portuguesa do prefácio escrito por Sigmund Freud, em 1919, para o livro *Das Ritual: Psychoanalytische Studien*, de Theodor Reik. Trata-se de um texto breve, porém denso, no qual Freud revisita o percurso da psicanálise desde seu surgimento como resposta a uma necessidade médica – diante de sintomas que escapavam aos tratamentos então disponíveis – até a sua consolidação como campo teórico voltado também à compreensão de produções como a arte, a religião e a cultura.

Palavras-chave: Freud; Reik; prefácio; ritual.

Abstract

The following is the first translation into Portuguese of the preface written by Sigmund Freud in 1919 for the book *Das Ritual: Psychoanalytische Studien*, by Theodor Reik. It is a brief but dense text in which Freud revisits the path of psychoanalysis from its emergence as a response to a medical need – in the face of symptoms that escaped the treatments available at the time – to its consolidation as a theoretical field also focused on understanding productions such as art, religion and culture.

Keywords: Freud; Reik; preface; ritual.

Introdução

Redigido logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, esse prefácio se insere num momento decisivo da história do movimento psicanalítico. Freud havia publicado, nos anos anteriores, textos fundamentais como *Totem e tabu* (1913 [1912-1913]), *Introdução ao narcisismo* (1914) e os textos *metapsicológicos* (1915), nos quais estabelece os principais conceitos da metapsicologia. A publicação do livro de Reik – membro próximo do círculo vienense e um dos primeiros a investigar a experiência religiosa à luz da psicanálise – oferece a Freud a ocasião para condensar, de forma acessível, alguns dos eixos centrais da teoria que vinha desenvolvendo.

No prefácio, Freud propõe que certas manifestações culturais e formas de sofrimento psíquico compartilham estruturas organizadas em torno do recalque, da persistência dos desejos inconscientes, da função do eu e das formações substitutivas. Reafirma o lugar do complexo de Édipo como núcleo estruturante da neurose e como matriz de ordenação das instituições morais e religiosas. Ao apresentar o trabalho de Reik, retoma a hipótese do assassinato do pai primevo – já formulada em *Totem e tabu* – enfatizando sua função mítica na constituição do laço social e na emergência dos interditos civilizatórios.

Mais do que uma introdução editorial, o texto oferece uma formulação condensada de noções fundamentais da teoria psicanalítica, articulando clínica, mito e cultura sob a lógica da metapsicologia. A tradução visa tornar acessível ao público de língua portuguesa um documento pouco difundido, mas significativo, da obra freudiana.

A presente tradução refere-se exclusivamente ao prefácio assinado por Freud, não abrangendo o restante do livro de Theodor Reik. O texto foi traduzido com base na edição original alemã, publicada em 1928, e cotejado com as versões disponíveis em inglês (1931) e espanhol (1995). A leitura comparativa entre essas versões permitiu esclarecer passagens ambíguas e sustentar escolhas terminológicas coerentes com a tradição psicanalítica em língua portuguesa.

Prefácio de Sigmund Freud (1919) à obra *O ritual: estudos psicanalíticos*, de Theodor Reik¹

A psicanálise nasceu de uma necessidade médica, surgiu da exigência de ajudar doentes nervosos para os quais repouso, hidroterapia ou eletricidade não proporcionavam alívio. Uma experiência marcante, relatada por Josef Breuer, despertara a esperança de poder ajudá-los com maior eficácia, na medida em que se compreendesse melhor as até então infundadas origens de seus

¹ Páginas 7 a 11 do original alemão.

sintomas de sofrimento. Assim, a psicanálise, originalmente uma técnica puramente médica, orientou-se, desde o início, para a investigação, para a descoberta de amplas articulações ocultas.

Seu longo percurso a afastou cada vez mais do estudo das condições físicas das doenças nervosas, para um campo estranho ao médico. Para tanto, passou a lidar com todo conteúdo anímico que preenche a vida humana, inclusive a dos indivíduos saudáveis, dos normais e dos supernormais. Foi necessário se ocupar dos afetos e paixões, especialmente daqueles que os poetas jamais se cansaram de retratar e exaltar – os afetos da vida amorosa. A psicanálise aprendeu a reconhecer o poder das lembranças, a importância insuspeitada dos primeiros anos da infância na formação da vida adulta, a força dos desejos que distorcem o julgamento humano e determinam rigidamente seu direcionamento. Por um tempo, pareceu que a psicanálise iria se dissolver em psicologia, sem poder indicar porque a psicologia do doente diferiria da do normal.

Mas em seu caminho ela se deparou com o problema do sonho – um produto psíquico anômalo, criado por pessoas normais em condições fisiológicas regularmente recorrentes. Quando a psicanálise desvendou o enigma dos sonhos, encontrou, no inconsciente, o terreno comum em que se enraizam as moções as mais elevadas e as mais baixas, das quais surgem tanto os produtos mais normais quanto os mais patologicamente desviados da vida anímica. Esclareceu-se então de forma cada vez mais completa o quadro do funcionamento anímico: forças pulsionais obscuras, de origem orgânica, que tendem a metas que vêm com elas; acima delas, um curso de uma instância de formações anímicas mais organizadas – aquisições do desenvolvimento humano sob a pressão da história humana – que absorveram essas moções pulsionais, as modificaram ou lhes atribuíram metas mais elevadas, mas em todo caso, as ligaram através de fortes relações elencando-as conforme suas forças pulsionais em direção a seus próprios objetivos. Outra parte dessas mesmas moções pulsionais elementares foi rejeitada por essa organização superior, conhecida por nós como o Eu, por não se ajustar à unidade orgânica do indivíduo ou por se opor às suas metas culturais. O Eu não consegue exterminar essas forças anímicas que não se deixam por ele domar, mas se afasta delas, deixa-as no nível psicológico o mais primitivo, defende-se contra suas exigências por meio de enérgicas formações de defesa e contraposição, ou tenta conciliá-las por meio de satisfações substitutivas. Desintrincadas e indestrutíveis, mas inibidas em sua expressão, essas pulsões que sucumbiram ao recalque, assim como suas representações primitivas, constituem o submundo anímico – o núcleo do inconsciente propriamente dito – sempre pronto a fazer valê-las de modo a ressurgirem por via de desvios para alcançar satisfação. Daí a instabilidade da orgulhosa construção psíquica superior, as

irrupções noturnas do desaprovado e recalcado nos sonhos, a predisposição às neuroses e psicoses sempre que a relação de forças entre o Eu e o recalcado se desloca em detrimento do Eu.

A consequência disso implicou que seria inevitável reconhecer que tal concepção da vida da alma humana não podia se restringir ao domínio do sonho ou das doenças nervosas. Se havia algo de verdadeiro nela, então deveria aplicar-se também à vida anímica normal, e até mesmo às realizações mais elevadas do espírito humano. Estas precisariam revelar relações com os momentos identificados na patologia – com o recalque, com os esforços para dominar o inconsciente, com as possibilidades de satisfação das pulsões primitivas. A partir daí, tornou-se uma tentação irresistível – um imperativo científico – aplicar os métodos de investigação da psicanálise cada vez mais longe de sua Terra mãe, às mais diversas áreas das ciências do espírito. Mesmo o trabalho psicanalítico com pacientes lembrava continuamente essa nova tarefa, pois era evidente que cada forma da neurose guardava surpreendente semelhança com as criações mais nobres da nossa cultura. O histérico é, sem dúvida, um poeta, embora apresente suas fantasias de forma essencialmente mímica e sem se importar com a compreensão dos outros; o cerimonial e as proibições do neurótico obsessivo nos forçam a julgá-lo como alguém que criou uma religião privada; e até as formações delirantes dos paranoicos mostram uma semelhança desconfortável externa e um parentesco interno, com os sistemas dos nossos filósofos. É difícil evitar a impressão de que os doentes, de modo associal, realizam as mesmas tentativas de resolver conflitos e apaziguar necessidades imperiosas que realizam literatura, religião e filosofia quando se expressam de forma compartilhada.

Em 1913, Otto Rank e Hanns Sachs reuniram numa obra repleta de ideias (*A significação da psicanálise para as ciências do espírito*), os resultados que até então a aplicação da psicanálise às ciências do espírito havia produzido. Mitologia, literatura e história das religiões se mostraram os campos mais acessíveis. Para o mito, ainda não se encontrou uma fórmula definitiva que o situe nesse contexto. Em um grande livro sobre o complexo do incesto, Otto Rank surpreendeu ao demonstrar que a escolha de temas, especialmente na literatura dramática, é predominantemente determinada pelo complexo chamado de Édipo na psicanálise. Em seu trabalho de elaboração, ao modificar, deformar e despistar, o poeta busca resolver sua própria relação, a mais íntima, com esse tema afetivo. O complexo de Édipo – isto é, a configuração afetiva para com a família, em sentido mais estrito, para com pai e mãe – é aquilo que o neurótico fracassa em dominar; por consequência, isso constitui invariavelmente o núcleo de sua neurose. Mas sua significação não se deve a uma coincidência incompreensível, e sim, aos fatos biológicos da longa dependência infantil e lenta maturação do jovem, além do complicado desenvolvimento da sua capacidade amorosa, e que se expressam nessa

ênfase na relação com os pais. A superação do complexo de Édipo coincide com a possibilidade de lidar com a herança arcaica e animal da humanidade. Essa herança contém todas as forças necessárias ao posterior desenvolvimento cultural de cada um, mas primeiro é preciso diferenciar e trabalhar essas forças. Tal como cada um traz essa herança arcaica consigo, ela ainda não serve aos propósitos da vida cultural na sociedade.

É preciso dar um passo além para alcançar o ponto de partida da abordagem psicanalítica da vida religiosa. O que hoje é herança para cada um foi, em tempos remotos, uma conquista transmitida ao longo de uma série de gerações. Assim, o complexo de Édipo também pode ter sua história, e o estudo da pré-história pode ajudar a adivinhá-la. A pesquisa sugere que a vida familiar humana era, na antiguidade remota, muito diferente do que conhecemos hoje – e essa hipótese é confirmada por estudos de povos primitivos atuais. Quando o material pré-histórico e etnológico é analisado psicanaliticamente, surge um resultado inesperado e preciso: o Pai-Deus uma vez andou em carne e osso sobre a Terra, como chefe da horda primitiva, exercendo seu poder absoluto – até que seus filhos, unidos, o mataram. Além disso, desse ato criminoso libertador e da reação a ele, surgiram os primeiros laços sociais, as primeiras restrições morais e a forma mais antiga de religião: o totemismo. As religiões posteriores, por sua vez, também contêm esse mesmo conteúdo – ora tentando apagar os vestígios do crime, ora expiá-lo, substituindo o conflito entre pai e filhos por outras soluções, mas sempre retornando à necessidade de repetir, simbolicamente, a eliminação do pai. O mito conserva o eco desse acontecimento colossal que assombra toda a história da humanidade.

Essa hipótese, baseada nos estudos de Robertson Smith e por mim desenvolvida em *Totem e Tabu* (1912), serve de fundamento aos Estudos dos problemas da psicologia da religião, de Th. Reik, dos quais este volume constitui o primeiro tomo. Fiel à técnica psicanalítica, suas análises partem de detalhes anteriormente incompreendidos da vida religiosa, buscando neles as chaves para os pressupostos fundamentais e os objetivos finais das religiões. Reik não perde de vista a relação entre o que está nas origens imemoriais e o primitivo atual, assim como entre a criação cultural e a formação substitutiva neurótica.

Remeto o leitor à introdução do editor e expresso a expectativa de que sua obra despertará por si mesma o interesse dos colegas de profissão.

Sigmund Freud

Referências

- Freud, S. (1919). Vorrede. In T. Reik. *Das Ritual: Psychoanalytische Studien*. Leipzig; Wien; Zürich: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1928.
- Freud, S. (1919). Preface. In T. Reik. *Ritual: Psycho-Analytic Studies*. London: Hogarth Press; Institute of Psycho-Analysis, 1931.
- Freud, S. (1919). *Prefacio*. In T. Reik. *El ritual. Psicoanálisis de los ritos religiosos*. Buenos Aires: ACME-Agalma, 1995.